

BABADOOK, UMA ANÁLISE SOBRE O LUTO E DEPRESSÃO PELA ÓTICA DA PSICOLOGIA

Santos, Isadora Rodrigues Comeron;¹
Prado, Maria Eliza de Jesus do Amaral;¹
Borges, Thais dos Santos²

RESUMO

Neste artigo, exploramos "The Babadook," um thriller psicológico de 2014 que aborda a vida de Amelia Vanek e seu filho, Samuel, seis anos após a morte do marido de Amelia. A relação mãe-filho é perturbada pela presença constante de um monstro nos pesadelos de Samuel. A pesquisa analisa o filme, identificando metáforas que ilustram complexidades familiares e investigando os fenômenos psicológicos. A hipótese central sugere que Amelia enfrenta uma depressão dolorosa devido a um luto não resolvido. A análise abrange a insônia de Amelia, seu forte apego aos pertences do falecido marido, alucinações e momentos em que o Babadook parece possuir a personagem. O comportamento de Samuel, que percebe sua mãe ameaçada pelo monstro, é um elemento crucial. Descrevemos o confronto entre mãe e filho no porão, um momento de catarse em que Amelia supera a depressão. Este artigo destaca a relevância do filme como ferramenta para analisar Luto e Depressão, oferecendo uma exploração da maternidade e batalhas emocionais. "The Babadook" é um exemplo da interseção entre cinema e psicologia, uma rica fonte de reflexão sobre depressão, luto e superação

Palavras Chave: morte, filme, maternidade, bicho-papão, melancolia.

ABSTRACT

In this article, we delve into "The Babadook," a 2014 psychological thriller that explores the lives of Amelia Vanek and her son, Samuel, six years after Amelia's husband's tragic death. The mother-son relationship is disturbed by the constant presence of a monster in Samuel's nightmares. The research analyzes the film, identifying metaphors that illustrate family complexities and investigating underlying psychological phenomena. The central hypothesis suggests that Amelia experiences a painful depression due to unresolved grief. The analysis covers Amelia's insomnia, her strong attachment to her late husband's belongings, hallucinations, and moments when the Babadook appears to possess her. Samuel's behavior, perceiving his mother as threatened by the monster, is a crucial element. We describe the mother-son confrontation in the basement, a cathartic moment in which Amelia overcomes her depression. This article emphasizes the film's relevance as a tool for analyzing Grief and Depression, offering insight into motherhood and emotional struggles. "The Babadook" is an example of the intersection between cinema and psychology, a rich source of reflection on depression, grief, and resilience.

Keywords: death, film, motherhood, bogeyman, melancholy.

¹ Acadêmica do curso de _____ da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. _____@gmail.com

² Docente do curso de _____ da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. _____@gmail.com



Introdução

O filme "The Babadook," um thriller psicológico lançado em 2014, gira em torno da história de Amelia Vanek (interpretada por Essie Davis) e seu filho Samuel (Noah Wiseman). Amelia, mãe de Samuel, enfrenta sua jornada seis anos após o trágico acidente de carro que ceifou a vida de seu marido, também pai de Samuel, enquanto a conduzia ao hospital para dar à luz. O filme se concentra na dificuldade de Amelia em estabelecer uma conexão emocional com seu filho, especialmente devido aos recorrentes pesadelos que atormentam o garoto, retratando um monstruoso Babadook que povoam suas noites.

A trama se desenrola quando Samuel encontra um misterioso livro relacionado ao Senhor Babadook, e reconhece nele a personificação de seu tormento noturno. Convencido de que o monstro deseja sua morte, o comportamento de Samuel se torna cada vez mais estranho e irracional. Em contrapartida, Amelia reage profundamente perturbada pelo conteúdo do livro, desencadeando um estado de desespero que torna a já complicada relação com Samuel ainda mais tumultuada.

O filme é uma obra rica em metáforas sutis que exploram a relação materno-filial, bem como uma representação de diversos fenômenos psicológicos. Uma análise cuidadosa sugere que, devido a um luto não resolvido, a personagem Amelia passa por uma dolorosa experiência de depressão com características psicóticas. O enredo revela o agravamento de sintomas e um crescente contorno melancólico que parecem emergir, tornando o filme uma ferramenta contemporânea e perspicaz para a distinção entre os conceitos de Luto e Depressão.

Durante o filme, Amelia sofre de insônia, passando noites em claro, o que a leva a um estado crescente de cansaço físico e emocional. Sua busca por alívio de pesadelos recorrentes a conduz ao uso da televisão como uma tábua de salvação, mantendo-a acordada durante as madrugadas e evitando confrontos com o terrível Babadook. Além disso, em diversos momentos da trama, Amelia demonstra um profundo apego aos objetos pessoais de seu falecido marido, como ilustrado na cena em que ela se deita na cama abraçada ao violino que pertencera a Oskar, seu esposo. O filme também mostra Amelia em estados de confusão mental, que culminam em



alucinações visuais perturbadoras, incluindo a visão de Samuel morto no sofá, com a garganta cortada, além de alucinações auditivas relacionadas ao temido Babadook. Em um momento aterrorizante, o filme insinua que o Babadook entra no corpo de Amelia, aumentando sua angústia. Essa sequência culmina em Amelia matando o cachorro de Samuel, quebrando seu pescoço, sob o suposto efeito do Babadook.

Samuel, convencido de que sua mãe está sob a influência do Babadook, atrai Amelia até o porão da casa, onde ela guarda as lembranças de seu falecido marido. Lá, Samuel utiliza armadilhas preparadas para o monstro para imobilizá-la, causando um confronto físico. O clímax da cena envolve Amelia tentando enforcar seu próprio filho, mas Samuel, com gentileza, a faz desistir da ação. Amelia, nesse momento, vomita um líquido escuro, aparentemente representando a presença do monstro Babadook dentro dela. Após esse evento, a relação entre Amelia e Samuel começa a melhorar, culminando na decisão de Amelia de celebrar o aniversário de Samuel na data precisa de seu nascimento, que coincide com a data de morte de seu marido, Oskar.

Nas cenas finais do filme, Amelia demonstra maior contentamento e interesse por seu trabalho e por Samuel, evidenciando uma relação mais harmoniosa entre mãe e filho. A cena final a retrata no jardim da casa, interagindo de maneira positiva com Samuel. Mais tarde, Amelia entra no porão escuro, onde parece acalmar a figura do Babadook, simbolizando o controle sobre seus próprios demônios. Ela deixa para trás a tigela de minhocas no porão, sugerindo a libertação de suas preocupações. A narrativa encerra-se com Samuel impressionando a mãe com um novo truque de mágica, e Amelia, emocionalmente, abraça-o, desejando-lhe um "Feliz Aniversário."

Um dos pontos retratados no filme, diz respeito ao lugar em que este se passa, já que acontece quase inteiro dentro da casa da família, o que gera uma atmosfera sufocante no telespectador, colaborando para a temática de terror psicológico (LEONARDI, 2016). Além disso, a entidade do livro e dos pesadelos de Samuel quase não é vista, mas pode ser percebida através do efeito que causa nos moradores da casa. Dessa forma, apesar do comportamento errante de Samuel, discutimos que o comportamento de Amelia mostra uma pessoa que está atravessado pelo sofrimento psíquico que o luto gera e, dessa forma, buscaremos compreender seu quadro geral quanto aos sintomas que apresenta, bem como seus sentimentos de fraqueza e ambivalência quanto a vida que a cerca.



O filme "The Babadook" sob a ótica da psicologia, foca no luto e na depressão, se baseia na relevância e importância de explorar representações artísticas e culturais como fontes valiosas de reflexões acerca da compreensão dos estados emocionais complexos e suas dinâmicas psicológicas. Segundo Kübler-Ross (1996, p. 14).

O filme de terror psicológico que recebeu atenção da crítica, bem como da população, tornou-se referência e nos remete a estudos sobre a temática presente no mesmo, permitindo a análise de como tais representações podem impactar a percepção pública desses temas e influenciar o diálogo em torno do luto e da depressão, como as diferentes formas de percepção sobre os impactos das mesmas para cada indivíduo.

O filme utiliza o bicho papão como uma metáfora para dor, sofrimento e depressão. Essa abordagem simbólica oferece uma oportunidade única de explorar como a psicologia dos personagens e a narrativa do filme se alinham com os conceitos psicológicos relacionados ao luto e à depressão.

Analisar o filme sob uma perspectiva psicológica pode ajudar a desmistificar esses estados emocionais, destacando as experiências de personagens que vivenciam tais acometimentos. Isso pode contribuir para a sensibilização da sociedade em relação a esses temas e reduzir o estigma associado a eles. Também é possível através da análise do filme, identificar representações de estratégias de enfrentamento, resiliência e recuperação utilizadas pelos personagens. Essas representações podem inspirar discussões sobre abordagens terapêuticas e estratégias de apoio para indivíduos que enfrentam o luto e a depressão.

Portanto, a análise do filme " The Babadook" pela ótica da psicologia oferece uma oportunidade valiosa de explorar, entender e discutir o luto e a depressão em um contexto culturalmente significativo, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e informada dessas experiências emocionais. A visão da Psicanálise sobre o Luto e a melancolia

Considerando Freud, a experiência do luto é abordada tanto em seu estudo da melancolia quanto em seu estudo das sociedades primitivas e sua conexão com os tabus que as governam (Freud, 1913/1996). Conforme afirmado por Freud (1917/1996), aqueles que estão enlutados encontram-se temporariamente em um estado de diminuição do desejo sexual (libido) e angústia diante da morte ou da perda, dos quais os efeitos podem ser amenizados pela perspectiva de eventualmente



superar essa dor. O luto é acionado pelo indivíduo com o propósito de evitar que a dor perdure indefinidamente, caracterizando-o como "trabalho psíquico" legítimo. Para Freud, o trabalho de luto tem o papel de permitir a elaboração e integração psicológica da perda, assim como a capacidade de se desvincular do objeto que fora perdido e direcionar afetos para um substituto. A pessoa enlutada se atormenta com a perda, mantendo uma constante lembrança do falecido. Ela se empenha em conferir um significado afirmativo ao que se foi, buscando dotar esse evento de um contexto simbólico. No trabalho "Luto e Melancolia" (1917/1996), Freud analisa detalhadamente o processo do luto e suas características, buscando diferenciá-lo da manifestação da melancolia. Nesse contexto, Freud observa que há uma diminuição do ego e da atividade no processo de luto, uma perda temporária em sua capacidade de adotar algo novo como objeto de amor (Freud, 1917/1996, p. 250).

A perda do objeto dentro da melancolia segue um caminho distinto do luto. Nesse contexto, o objeto que fora perdido se torna a causa primordial da condição trágica do indivíduo, já que a ambivalência assume uma natureza violenta em relação a esse objeto. Essa ambivalência descreve uma resposta à perda que, em último caso, resulta no empobrecimento da experiência subjetiva. O indivíduo se identifica de maneira paradoxal com o objeto perdido, desencadeando uma postura de autodestruição, desdobrando um conflito interno que impõe um julgamento moral severo sobre o ódio para com o objeto (Freud, 1917/1996, p. 250). Como consequência desse conflito, emerge a autoflagelação psicológica, revelando uma visão crítica implacável que está sempre pronta para atacar o self do indivíduo melancólico. Com isso, o indivíduo melancólico encontra-se totalmente imerso na perda e expressa de maneira intensa sua condição diante do próprio sofrimento. Ele se expõe de forma extrema em sua linguagem, tendo a mesma violência ao referir-se a si mesmo com que lida com sentimentos de ódio, rejeição ou desejo de vingança. O ego do melancólico é reduzido a um estado de completo vazio, revelando assim a natureza intrínseca da morte, da fragilidade, da falta de autoestima e do desdém. Como observou Freud, ele se critica, se deprecia, aguardando ser excluído e castigado. Ele se rebaixa diante de todos e sente compaixão pelos seus familiares por estarem associados a alguém tão odioso (Freud, 1917/1996, p. 252).

As autocríticas, a propensão autodestrutiva e a autopunição do indivíduo melancólico direcionadas a si mesmo, como notou Freud (1913/1996), refletem uma



condição psicopatológica específica: o indivíduo com melancolia não consegue completar o processo de luto pela perda do objeto. Em vez disso, há uma identificação maior com o mesmo, gerando uma dinâmica peculiar de natureza narcísica. Isso leva Freud a adotar uma abordagem metapsicológica única para compreender essa organização subjetiva.

A obra "Reflexões Sobre o Trauma" (1934/1992) de Ferenczi exerce uma função essencial na evolução desses conceitos, já que oferece um vasto campo de reflexão para as modalidades de sofrimento que vão além do quadro convencional histórico. Para Ferenczi, o trauma descreve uma forma única de subjetividade, e sua abordagem abriu portas para pesquisas substanciais em relação a melancolia presentes na obra de Torok.

Observa-se uma expansão abrangente no âmbito da teoria e uma exploração mais aprofundada no contexto clínico da teoria do trauma de Ferenczi, com particular atenção à questão do reconhecimento. São estabelecidas conexões entre o conjunto teórico de reconhecimento com o ofensor e da clivagem, previamente delineados por Ferenczi, e apresenta seu conceito próprio de incorporação. Conforme postulado por Torok (1995), a incorporação assume uma função de extrema importância no contexto da experiência melancólica, marcando uma distinção significativa em relação à concepção de introjeção de Ferenczi. A incorporação manifesta-se na subjetividade sendo algo que, ligado à experiência traumática, é incapaz de ser adequadamente absorvido ou conectado de maneira psicológica, emergindo de maneira avassaladora, sem se ajustar a uma sequência de associações. De acordo com a explicação de Abraham e Torok ([1972] 1995), a noção de incorporação representa uma rejeição da introjeção. Ao invés de internalizar o objeto perdido, atribuindo-lhe significado e, por conseguinte, metaforizando-o (como é comum em um contexto polissêmico), ocorre uma incorporação intensa desse objeto, frequentemente percebido como hostil, por meio da fantasia. Isso se assemelha a uma encapsulação do objeto dentro do domínio psicológico.

Isso se aplica exclusivamente às perdas narcísicas que, por alguma razão, não podem ser expressas como perdas. Todas as palavras não pronunciadas, todas as lembranças não revividas e todas as lágrimas não derramadas serão internalizadas, enquanto o trauma que deu origem à perda permanece simultaneamente preservado. Esses sentimentos e experiências não compartilhados são encapsulados e enterrados



profundamente dentro do sujeito, como se construíssem uma sepultura secreta em seu interior. (Abraham & Torok 1995)

A teoria da incorporação de Torok (1995) desempenha um papel de máxima importância na apreensão da subjetividade na situação da melancolia. Nesse cenário, surge uma profunda dificuldade em internalizar a própria existência. A autoconsciência torna-se extraordinariamente frágil diante da presença dominante do outro que foi absorvido na identificação narcísica. No mesmo contexto teórico que engloba o conceito de clivagem de Ferenczi e a teoria de incorporação de Torok, é viável considerar, na melancolia, a ideia de que a perda do objeto não é devidamente registrada no âmbito psíquico devido à fragilidade narcísica do indivíduo melancólico, resultando na divisão do objeto dentro do self (conforme Verztman, 2002).

A especificidade da depressão frente o luto e a melancolia

Conforme Freud (1917/1996), o luto desempenha o papel de (re)inserir o indivíduo no domínio do desejo. Funciona como um processo de conexão e integração daquilo que abala o sujeito, deixando temporariamente lacunas em sua narrativa. O luto surge como um motor que impulsiona a simbolização e a construção narrativa da perda, permitindo a reconstrução do sofrimento psíquico. Em outras palavras, a função do luto é dar um lugar simbólico ao falecido, subordinado ao processo de elaboração simbólica da própria perda.

O processo do luto, como símbolo da elaboração psíquica da perda, representa uma jornada dolorosa em que se busca assimilar a transitoriedade da vida e dar uma forma simbólica ao desejo. Além de facilitar essa assimilação simbólica, o enlutado também utiliza o luto como um meio temporário de proteger-se contra um possível colapso psicológico. Esse momento de intensa dor psíquica, que envolve a lembrança do objeto perdido, o luto e a inibição transitória, ajuda a evitar um colapso narcísico. No entanto, é exatamente essa evitação do desmoronamento narcísico que o melancólico, devido à sua formação narcísica frágil (cf. Lambotte, 1997), não consegue realizar.

O luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo



externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor (FREUD, 1915).

Na melancolia, como mencionado anteriormente, observamos uma rejeição da ideia de perda e do ato de abrir mão do objeto. O indivíduo melancólico não consegue aceitar a perda do objeto ao qual estava vinculado, uma vez que esse objeto representava a única, ainda que frágil, ligação com sua própria sensação de existência. Nesse cenário, a pessoa, que se identifica com o vazio deixado pelo outro, se vê envolvida em um conflito interno que expõe sua fragilidade narcísica e o iminente risco de colapso, como apontado por Alves (2018):

No sujeito melancólico, a perda não simbolizada é acompanhada do predomínio da realidade interna que se sobressai à realidade externa. Esse é um dos fundamentos pelo qual a melancolia se aproxima da concepção de psicose.

Essa dimensão está intimamente relacionada à melancolia e está ligada à formação do ego e do objeto. Como mencionado anteriormente, a falta de um registro psicológico da perda do objeto indica que o objeto não conseguiu, de fato, estabelecer uma presença na subjetividade do melancólico. Nesse cenário, o sujeito se fragmenta e é completamente absorvido pelo objeto em sua totalidade. Para o melancólico, não há um registro simbólico da perda do objeto, pois o abandono pelo Outro sinaliza, na construção do sujeito, uma identificação total com o vazio.

Nesse contexto, Freud (1917/1996) enfatiza que, na melancolia, o que é efetivamente perdido é o próprio ego. Essa perda está intrinsecamente ligada ao processo de formação da imagem ideal do self no narcisismo primário, um processo que fracassou. O ego que se desvanece na melancolia reflete a identificação com o vazio. Nessa ótica, o objeto não é percebido como algo perdido. No auge da melancolia, quando "o ego se perdeu", isso ocorre porque, como apontado por Freud, a sombra do objeto o absorveu e ocupou seu lugar - um lugar que, na verdade, era uma referência ao vazio. Como já demonstrado, o melancólico nunca experimentou uma imagem positiva de si mesmo nem se entregou ao encanto narcísico que normalmente se origina a partir do idealizado discurso dos pais. A barreira que impede a expressão de um "eu" afirmativo, cuja narrativa daria origem a essa possibilidade,



paradoxalmente surge como uma tentativa inacabada de construção da autoconsciência na melancolia.

O indivíduo deprimido, imerso em sua amargura, evoca a perda da imagem ideal, como se, ao permanecer estagnado, fosse possível recuperar ou reviver o prazer da indiferença e até mesmo da onipotência. Nesse contexto, na depressão, o sujeito aparenta declarar: "Se não sou mais quem costumava ser (ou seja, se não sou mais a totalidade da relação com o ego ideal), então não desejo mais nada". A queda nesse abismo, no entanto, é súbita e vertiginosa. A menos que o sujeito consiga encontrar meios de elaborar a impermanência, por meio de uma narrativa que o inspire a uma "reinvenção de si mesmo", ele enfrenta um grave risco de acelerar seu próprio processo de autodestruição.

Na depressão, uma vez que o enfoque reside fortemente no ego ideal, o que diferencia a subjetividade dos indivíduos deprimidos é uma característica distintiva na transição do eu ideal para o ideal do eu. Enraizado na convicção narcisista, o deprimido é, ele mesmo, a pessoa que se perdeu. Ele se torna um sujeito que se concentra na essência do ego, algo que apenas a crença narcisista pode sustentar. Nesse contexto, o indivíduo deprimido nega sua própria sensação de deslocamento, recusando-se a aceitar a inevitabilidade da transitoriedade, da diferença e do desejo.

De fato, dado que o sujeito se concentra na imagem perdida, a questão do ideal do eu, que é fundamental para sustentar a capacidade de conexão e relacionamentocom os objetos de desejo, se encontra comprometida. Essa situação ocorre em um nível em que a formação do ego ideal se estabeleceu, mas falhou em estabelecer os caminhos de transformação que caracterizam a transição do eu ideal para o ideal do eu.

Nessa abordagem, na depressão, o ideal do eu se manifesta como uma concretização do ego ideal, o que obstaculiza a reestruturação da narrativa subjetiva e, como resultado, a libertação da crença. O sofrimento característico desse tipo de depressão está ligado à ligação com um ideal do eu que se torna inseparável da imagem perdida do self. O ideal do eu se mescla com o ego ideal e se agarra a um aspecto do passado que não se conecta com o futuro.



Considerações Finais

No âmbito desta investigação, torna-se evidente que a presença do bicho-papão no filme "The Babadook" pode ser interpretada como uma representação simbólica da experiência do luto e da depressão. Esta abordagem cinematográfica ofereceu uma perspectiva única e substancial sobre a compreensão destes estados emocionais complexos através da lente da psicologia. O filme se revelou uma rica fonte de informações, destacando a metáfora do bicho-papão como uma representação impressionante do luto não resolvido e da depressão que afetam a personagem principal, Amelia Vanek.

Ao longo da narrativa, somos expostos a uma série de sintomas, desafios e mecanismos de enfrentamento associados ao luto e à depressão. A insônia, o forte apego aos pertences do falecido marido, as alucinações visuais e auditivas perturbadoras e os momentos em que o bicho-papão parece possuir a personagem contribuíram para uma compreensão mais profunda dessas condições psicológicas complexas.

Além disso, a resolução final do filme, simbolizada pelo confronto entre Amelia e o bicho-papão no porão da casa, ofereceu uma representação inspiradora da superação e da aprendizagem de estratégias de enfrentamento da depressão. Isso destaca a importância da resiliência e do enfrentamento na jornada de recuperação desses estados emocionais.

Este estudo reforça a capacidade da arte, neste caso, do cinema, de proporcionar uma visão única e sensível das complexidades da psicologia humana. Através da interpretação da metáfora do bicho-papão, abrimos espaço para discussões mais profundas sobre a saúde mental, a compreensão e a abordagem ao luto e à depressão. A obra "The Babadook" se apresenta como um exemplo fascinante de como a arte pode ser uma aliada valiosa da ciência na promoção do debate e da compreensão dessas questões delicadas.

Como desdobramento deste estudo, é fundamental reconhecer a necessidade de uma abordagem multidisciplinar na compreensão e tratamento do luto e da depressão. A parceria entre a arte e a ciência pode ampliar as fronteiras do conhecimento, promovendo uma maior conscientização e discussão em torno das

questões de saúde mental. A interpretação do bicho-papão em "The Babadook" exemplifica como a sétima arte pode ser uma aliada poderosa na busca por soluções e estratégias de enfrentamento mais eficazes para essas condições complexas.

Em resumo, a presença do bicho-papão no filme "The Babadook" nos proporcionou uma visão rica e simbólica da experiência do luto e da depressão. Ao compreender esses estados emocionais através da lente da psicologia, ampliamos nosso conhecimento e promovemos discussões essenciais sobre a saúde mental. O filme serve como um testemunho da capacidade da arte de inspirar mudanças e avanços significativos na compreensão e no tratamento destas condições, demonstrando que o cinema pode ser uma ferramenta poderosa no enfrentamento dessas questões emocionais complexas.



Referências

Abraham, N. & Torok, M. (1972). **A Casca E O Núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

ALVES, W. S. Melancolia: o objeto perdido que me assombra. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 40, n. 76, p. 63-67, dez. 2018. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2023.

Cavalcanti, A. K. S.; Samczuk, M. L.; Bonfim, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicol inf**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. 2013. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2023

Ferenczi, S. (1934/1992). **Reflexões sobre o trauma**. In: **Obras completas. Psicanálise IV**. A. Cabral, Trad. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (1913/1996). **Totem E Tabu. Obras Completas, ESB**, V. XIII. Rio De Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917/1996). **Luto E Melancolia. Obras Completas, Esb**, V. Xv. Rio De Janeiro: Imago.

Kübler-Ross, E. **Sobre A Morte E O Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Leonardi, A. The Babadook, King, Poe E O Terror Psicológico. 12 out. 2016.

Disponível em: <https://jornalnota.com.br/2016/10/12/babadook-king-poe-e-o-terror-psicologico/>. Acesso em: 28 set. 2018.

Marques, S. O Babadook E O Lado B Da Maternidade. **Prensa**, 2022. Disponível Em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/48564/Mod_Resource/Content/1/Texto%20base.Pdf. Acesso Em: 11 set. 2023.

The Babadook. Direção: Jennifer Kent. Produção de Causeway Films. Austrália: Umbrella Entertainment, 2014. DVD.

Verztman, J. S. (2002) O Observador Do Mundo: A Noção De Clivagem Em Ferenczi. **Revista Agora**, 5, 59-78.